

Por onde passa a satisfação residencial

*Maria João Freitas**

Introdução

Desde os anos 60 que o LNEC vem privilegiando projectos de investigação com o objectivo de definir, analisar e avaliar a Qualidade Habitacional, e neste sentido tem acumuladas quer uma larga experiência e conhecimentos no que respeita a metodologias e instrumentos técnicos ao serviço da análise da qualidade habitacional, quer um enorme espólio de informação recolhida com este propósito. Enquadrando-se num projecto interdisciplinar que visava a construção de um sistema informático para a exploração de soluções e desenvolvimento de projectos arquitectónicos com vista à melhoria de qualidade do habitat, financiado pela FCT e enquadrado no Plano de Investigação do LNEC, realizaram-se, entre outros, dois estudos com o objectivo do desenvolvimento de um modelo explicativo da satisfação residencial e identificar e caracterizar modelos de habitar.

A contribuição destes estudos para o referido projecto baseava-se na pertinência de fornecer matéria de apoio ao projectista sobre a estruturação da satisfação residencial susceptível de poder vir a ser integrada na definição das exigências dos utentes na construção e desenvolvimento dos projectos arquitectónicos, reduzindo assim os custos sociais de uma desadequação entre a produção habitacional e as necessidades de quem potencialmente a possa procurar.

Nesta comunicação centrar-nos-emos apenas nos resultados apurados num desses estudos – o da explicação da satisfação residencial¹ - e na sua interpretação estritamente sociológica. Este estudo visava a construção de um modelo explicativo da satisfação residencial tendo em conta parâmetros de caracterização objectiva dos cenários habitacionais e residenciais em avaliação, a caracterização sociológica dos residentes e as especificidades dos percursos que conduziram ao acesso dos cenários habitacionais e residenciais em avaliação. Este estudo baseou-se na revisita de dados recolhidos junto de 162 moradores em 14 empreendimentos de Habitação de Custos Controlados no país que tinham respondido ao um questionário de auto-preenchimento, e em dados de caracterização dos cenários residenciais recolhidos através de análise documental dos projectos e de observação².

Subjectividades vs objectividades

*“a Cidade enorme, que cabe num quarto de três metros quadrados, infundável como uma galáxia (...) falo da cidade imensa, realidade diária feita com duas palavras: os outros”
(Octávio Paz, “Falo da Cidade” in *Árvore Adentro*)*

*Investigadora Auxiliar

LNEC | DED | Núcleo de Ecologia Social

Avª Brasil 101

1700-066 Lisboa

telef: 21 844 35 89 e.mail: mjfreitas@lneq.pt

¹ Uma descrição pormenorizada da metodologia e resultados apurados neste estudo encontra-se desenvolvida in FREITAS, M.J. (2001) "Habitação e Cidadania – no trilho da complexidade de processo relacionais generativos", Tese de Doutoramento, Lisboa:ISCTE.

² Os dados revisitados seleccionados foram numa primeira fase, objecto de sistematização, preparação e uniformização, bem como enriquecidos por variáveis de síntese e indicadores passíveis de agilizar o tratamento estatístico e a testagem do modelo analítico de base. A informação disponível a modelizar foi estabilizada e testada estatisticamente, tendo a escala de satisfação residencial (que comportava 77 itens) sido sujeito a duas factorizações no sentido de agilizar a sua incorporação no modelo. A construção do modelo implicou ainda uma selecção de variáveis segundo critérios de independência, tendo acabado por incorporar 54 variáveis e permitido a construção de uma análise de regressão linear múltipla que reteve 21 variáveis em três níveis de desenvolvimento do modelo (ver detalhes metodológicos in FREITAS, 2001, Anexo 3).

Falar de satisfação residencial é falar de gostos e sentimentos perante lugares ou espaços em que se desenvolve uma vivência quotidiana de base residencial. De que é que se gosta mais ou menos nos cenários residenciais de referência, o seu porquê e quais as razões que sustentam esses gostos, foram algumas das questões que presidiram à procura de explicações sobre a satisfação residencial neste estudo. Três grandes grupos de razões foram inicialmente inventariados como possíveis explicadores da formação de uma satisfação residencial:

- a) razões relacionadas com as características dos indivíduos (consideradas como características sociológicas de pertença e composição de grupos de referência);
- b) razões relacionadas com a natureza e qualidades intrínsecas dos espaços residenciais (enquanto objectos) em avaliação (considerados como as várias dimensões dos contextos residenciais no contínuo que liga os interiores dos fogos à sua envolvente urbanística); e
- c) razões relacionadas com os processos relacionais entre os indivíduos e os seus contextos residenciais (considerados como os percursos residenciais que conduziram aos actuais cenários e formas de uso e apropriação que deles são feitas).

Foi no entanto considerado, no modelo explicativo a testar, que a combinação destas razões comporia ainda uma quarta fonte de razões susceptível de influenciar e explicar a satisfação face aos cenários residenciais vividos e, conseqüentemente, os comportamentos e as estratégias dos indivíduos face a eles. O que este modelo permitiu evidenciar e compreender, foi que *estes factores de síntese da combinação das diferentes razões encontravam a sua expressão em processos de construção e aprendizagem do gosto (enquanto referencial identitário) na sua interacção com um olhar e vivência desses mesmos cenários que acabam por ser colectivos (e não apenas individuais).*

Neste sentido, o que se demonstrou é como, do ponto de vista do indivíduo:

- os cenários residenciais acabam por se apresentar como realidades percebidas na comunicação estabelecida entre as suas diferentes dimensões (do compartimento, à habitação, ao edifício e à sua área envolvente);
- que ao valor intrínseco do objecto (cenários residenciais) – que responde a necessidades de acolhimento e enquadramento de uma vivência quotidiana – se sobrepõe um valor simbólico e de representação social, como parte integrante e estruturante da afirmação e desenvolvimento dessa mesma vivência;
- a vivência dos quotidianos residenciais assume, assim, mesmo ao nível da manifestação da satisfação que sobre eles se constrói, uma expressão social e societal que apenas poderá ser compreendida através do enquadramento desta manifestação individual de sentires num quadro de representações e relações sociais que acabam por as acolher, condicionar e determinar.

Este estudo demonstrou e permitiu defender que **o valor das coisas ultrapassa assim as qualidades intrínsecas dessas coisas**, para ganhar sentido numa teia complexa de determinação do seu valor. O valor dos espaços residenciais não se cinge às crenças e às atitudes meramente individuais, como postulam a maior parte dos modelos explicativos existentes sobre a matéria (Marans e Spreckelmeyer, 1981; Weiderman and Anderson, 1985). Este valor encontra, igualmente, **raízes em processos de construção social e colectiva de um sistema relacional do próprio habitat em que os indivíduos e espaços valem pelas posições relativas que nele conquistam e desenvolvem.**

Assim se poderá compreender porque é que mesmo tendo sido possível encontrar correlações e associações significativas entre as qualidades intrínsecas dos espaços em avaliação e as avaliações que sobre eles eram produzidas, quando se atentou uma busca dos factores ou motores explicativos da expressão e variação dessa mesma satisfação residencial não tenham sido os factores objectivos que mais a influenciavam, ou que a determinavam em primeira linha. O mesmo se constatou quanto à insuficiência da capacidade explicativa das características dos indivíduos e a satisfação manifestada.

Estas explicações foram encontradas sobretudo *em factores que remetem para a existência de uma construção processual e dinâmica dos sistemas espaciais*, de que a forma como se entrecruza a satisfação residencial nas suas diferentes dimensões é expressão. Esta construção processual *baseia-se em representações ou imagens colectivas construídas sobre os cenários em avaliação*, de que a importância do *valor social ou imagem pública* que esses contextos adquirem é indicador privilegiado.

São estas *que acabam por definir as posições relativas dos indivíduos, das suas identidades, e das suas sensações e manifestações de bem-estar, em sistemas colectivos de acção socio-territorial.*

E esta construção processual acabou se encontrar evidente na estrutura factorial identificada neste estudo que permite sublinhar três aspectos (cf Quadro 1 e 2):

Quadro 1 – Organigrama da estruturação da Escala de Satisfação em Factores

F1	Bem-Estar percebido <i>E1+VP3+PR1+A4</i>	Alpha = 0,8158	F2	Satisfação com Características Físicas da casa <i>A1+A3+E4+A7</i>	Alpha = 0,6527
	E1 – Segurança no Edifício	<i>Recolha de Lixo no edifício</i> <i>Segurança na entrada edifício.</i> <i>Vista do alojamento.</i> <i>Segurança na entrada do fogo</i>		A1 – Dimensão do Fogo	<i>Área quartos</i> <i>Largura quartos</i> <i>Dimensão fogo</i> <i>Área sala</i> <i>Largura sala</i> <i>Nº quartos</i> <i>Fac. Mobilar casa</i>
	VP3 – Ambiente, Segurança e Imagem Vizinhança Próxima	<i>Poluição junto ed.</i> <i>Segur. Recreio crian.</i> <i>Equip. zonas verdes</i> <i>Vida própria AR</i> <i>Imagem pública AR</i> <i>Segur. contra roubos</i>		A3 – Relações entre espaços no Fogo	<i>Ligação sala outros</i> <i>Privacid. Quartos</i> <i>Lig. Coz. Sala</i> <i>Casa dividida</i>
	PR1 – Processo	<i>Cond. Proc. Aquis. Casa</i> <i>Particip. Proc. Aquis.</i> <i>Relação pessoal apoio</i> <i>Circulação informação</i> <i>Processo entrega</i>		E4 – Tipo de casa e localização no edifício.	<i>Andar ed.</i> <i>Tipo casa</i>
	A4 – Privacidade	<i>Conforto acústico</i> <i>Privacid. Vizinhos</i>		A7 – Higiene e Salubridade	<i>Nº Inst. Sanitárias</i>
F3	Satisfação com Imagem para exterior <i>A6+VP4+E5+A2+VP1</i>	Alpha = 0,7161	F4	Satisfação com Edifício e Vizinhança Próxima <i>E3+VP6</i>	Alpha = 0,5408
	A6 – Conforto Visual	<i>Conforto visual</i> <i>Tipo de acabamento</i>		E3 – Programa e Dimensão dos Espaços Comuns	<i>Espaços comuns ed.</i> <i>Áreas compl. Ed.</i>
	VP4 – Acessibilidades e Proximidades da VP	<i>Proxim. Áreas prestígio</i> <i>Proxim. Loc. Trab. Fam.</i> <i>Proxim. Loc. Trab. Pp</i> <i>Acesso AR</i>		VP6 – Estacionamento	<i>Estacionamento</i>
	E5 – Conforto dos Espaços Comuns	<i>Desenho entr. Ed.</i> <i>Ilumin. Inter. Ed.</i>		F5	Satisfação com Equipamentos na VP <i>VP2</i>
	A2 – Cozinha	<i>Área cozinha</i> <i>Largura cozinha</i> <i>Cap. Arrumos coz.</i>		VP2 – Equipamentos na VP	<i>Equip. saúde</i> <i>Equip. serviços</i> <i>Transportes</i> <i>Lugares culto</i> <i>Equip. lazer</i> <i>Equip. comerciais</i> <i>Equip escolares</i>

VP1 – Vizinhos	Vizinhos
----------------	----------

Quadro 2 – Segunda Matriz Factorial da Escala de Satisfação

	F1	F2	F3	F4	F5	
Valores próprios	4.47	1.95	1.58	1.17	1.13	
Variância explicada (%)	27.9	12.2	9.9	7.3	7.0	64.4
Alpha	.82	.65	.72	.54	.87	
Média	2.25	2.74	2.8	2.38	2.54	
Desvio-Padrão	.66	.45	.44	.71	.72	
N	123	124	73	104	151	
Segurança no edifício (E1)	.83					
Ambiente, segurança e imagem da VP (VP3)	.80					
Processo (Pr1)	.79					
Privacidade no Alojamento (A4)	.67					
Dimensão do fogo (A1)		.78				
Relações entre espaços no fogo (A3)		.77				
Tipo de casa e localização (E4)		.64				
Higiene e salubridade (A7)		.44				
Conforto visual (A6)			.72			
Acessibilidades e proximidades da VP (VP4)			.67			
Conforto dos espaços comuns (E5)			.59			
Cozinha (A2)			.56			
Vizinhos (VP1)			.48			
Programa e dimensão dos espaços comuns (E3)				.85		
Estacionamento (VP6)				.59		
Equipamentos (VP2)					.71	

Em primeiro lugar a presença e composição dos primeiros e terceiro factores. São factores que agregam uma grande variedade de itens, mas que apresentam em comum o facto de remeterem sobretudo para factores de percepção e sensações pessoais nas relações que são estabelecidas com os diferentes espaços e dimensões do seu habitat, e que estão a ser accionados na avaliação das qualidades que lhe atribuem. O *primeiro factor*, acciona dimensões como a segurança, o conforto ambiental da área de residência, o envolvimento no processo de aquisição da casa e a privacidade. Assim, remete para uma percepção de "bem-estar", centrada no indivíduo (o *Eu*) e nas relações que este estabelece transversalmente com várias dimensões e escalas do habitat que aparecem aqui como que num contínuo inseparável e indivisível de enquadramento e referência à satisfação das necessidades inerentes ao habitar. Esta transversalidade torna a evidenciar-se no *terceiro factor*, mas desta feita, reunindo factores que para além da importância intrínseca que podem revelar ao conforto e bem-estar individual, são susceptíveis de criar uma imagem externa da qualidade residencial que o *Eu* usufrui. Ou seja, são susceptíveis de se constituírem como o "cartão-de-visita" do "eu", e complementarem a satisfação que se busca nos contextos de habitar com o seu reconhecimento externo, através da devolução de um olhar positivo que pode ser susceptível de proporcionar e integrar "o *mim*" nas representações sociais que lhe são inerentes.

Em **segundo lugar**, o facto dos restantes três factores que congregam sobretudo dimensões físicas, afastarem uma hipotética organização de sistemas avaliativos centrados em critérios de escala e qualidades associadas às suas diferentes dimensões (mais frequentemente utilizada do

ponto de vista técnico), para proporem uma organização destas dimensões sobretudo orientada por:

- *critérios de apropriação e intensidade de uso (espaços privados – F2: casa ; espaços semi-públicos ou de transição – F4: espaços complementares do edifício; espaços públicos – F5: equipamentos da área de residência), e*
- *por níveis de exercício e partilha de controle espacial (F2: a minha casa; F4: o nosso prédio; e F5: as facilidades ao serviço da comunidade).*

Em **terceiro lugar** esta estrutura organizativa permite enunciar também um outro quadro de referências. Este é duplamente subjectivo, ao centrar-se no indivíduo e nas suas percepções, mais do que nos espaços e nas qualidades intrínsecas a eles directamente associadas em termos de satisfação de necessidades. A satisfação residencial apresenta-se, assim estruturada a um nível muito mais *simbólico e representativo*, do que remetendo para níveis mais básicos de existência.

O que os indivíduos pensam, aquilo de que os indivíduos gostam e a satisfação que consequentemente retiram do encontro desses quadros de referência com as realidades que enquadram a sua vivência residencial quotidiana, apresenta-se, assim, como *uma construção colectiva de valores e regras de referência*. E esta construção evidencia-se, quer na sua origem (pelas lógicas incutidas aos percursos residenciais), quer na sua influência sobre os movimentos dos quadros de acção em que estes indivíduos se movem (pela força que a percepção da imagem pública dos diferentes contextos exerce sobre a formação da própria satisfação).

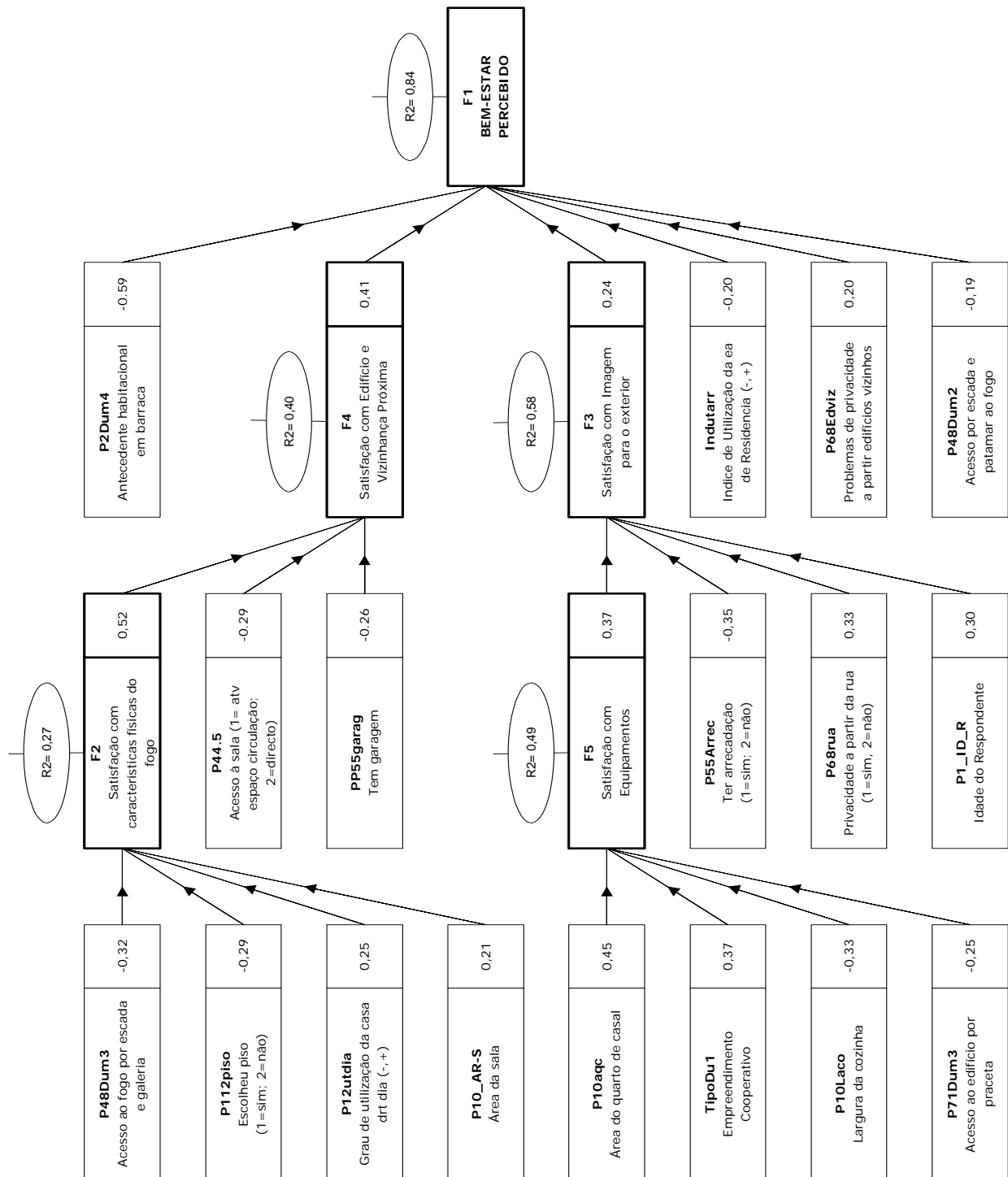
Ao verificar e analisar as variáveis constituintes do modelo de regressão e a sua localização, importa realçar três eixos de leitura que lhe são transversais (cf Figura 1).

O **primeiro** é que a satisfação residencial, aqui assumida como o bem-estar percebido em contextos residenciais, aparece quase como que auto-explicável, ou seja, como baseando-se em outros factores de satisfação na sua constituição e expressão. A presença dos restantes quatro factores de satisfação na explicação do primeiro factor não deixa margem de dúvida para se considerar que a satisfação residencial não é selectiva nas suas dimensões constituintes, anulando todo o argumento de que esta possa ser espartilhada ou analisada compartimentadamente.

Da mesma maneira que já fora dado a observar que poucas são as relações directas que a sua expressão mantêm com os objectos que directamente avalia, este modelo clarifica a natureza una e complexa da sua dinâmica. Permite verificar que o *bem-estar percebido se encontra dependente de um processo constitutivo das percepções subjectivas*, e consequentes satisfações daí decorrentes, desenvolvidas em torno de um objecto de avaliação em que não são distinguidas escalas de expressão.

O bem-estar percebido não se encontra, assim, indexado a satisfações específicas com esta ou aquela dimensão espacial, eventualmente merecedora de uma maior valorização. O bem-estar percebido encontra-se, entre outros factores, antes de mais, indexado a uma plêiade de percepções, que para além de se orientarem para o espaço como um todo, se desenvolvem em função de um *seu valor de uso socialmente definido, reconhecido ou positivamente cotado*. Se atentarmos apenas para a localização das variáveis de satisfação no modelo, verificamos que existe uma certa hierarquia no seu posicionamento. Ao contrário do que poderia ser expectável, as variáveis de satisfação que se encontram numa primeira linha explicativa não são as que mais directamente se encontram relacionadas com espaços definidos como públicos ou semipúblicos, e muito menos com espaços de uso mais privativo.

Figura 1 – Modelo explicativo de satisfação residencial



Legenda ao Modelo

Antecedente habitacional em barraca	O bem-estar percebido varia e aumenta quando não existem antecedentes habitacionais em barracas
Satisfação com espaços complementares de uso	O bem-estar percebido varia e aumenta quando a satisfação com os espaços complementares de uso aumenta
Satisfação com Imagem para o Exterior	O bem-estar percebido varia e aumenta quando a satisfação com a imagem para o exterior aumenta
Índice de utilização da AR	O bem-estar percebido varia e aumenta quando o grau de utilização da área de residência é menor
Problemas de privacidade a partir de edifícios vizinhos	O bem-estar percebido varia e aumenta quando não existem problemas de violação de privacidade a partir de edifícios vizinhos
Acesso por escada e patamar ao fogo	O bem-estar percebido varia e aumenta quando o acesso ao fogo não se efectua por escada e patamar
Satisfação com as características do fogo	A satisfação com os espaços complementares de uso varia e aumenta quando a satisfação com as características do fogo aumenta
Acesso à sala	A satisfação com os espaços complementares de uso varia e aumenta quando o acesso à sala não é directo e se faz por espaços de circulação independentes
Ter garagem	A satisfação com os espaços complementares de uso varia e aumenta quando existe garagem
Satisfação com equipamentos	A satisfação com a imagem para o exterior varia e aumenta quando a satisfação com equipamentos existentes na área aumenta
Ter arrecadação	A satisfação com a imagem para o exterior varia e aumenta quando não existem arrecadações
Privacidade a partir da rua	A satisfação com a imagem para o exterior varia e aumenta quando existe privacidade a partir da rua
Idade do respondente	A satisfação com a imagem para o exterior varia e aumenta com o aumento da idade do respondente
Acesso ao fogo por escada e galeria	A satisfação com as característica do fogo varia e aumenta quando o acesso ao fogo não é feito por escada e galeria
Escolha do piso	A satisfação com as característica do fogo varia e aumenta quando existiu possibilidade de escolha do piso
Grau de utilização da casa durante o dia	A satisfação com as característica do fogo varia e aumenta quanto mais se utiliza a casa durante o dia
Área da sala	A satisfação com as característica do fogo varia e aumenta quanto maior é a área da sala
Área do quarto de casal	A satisfação com os equipamentos varia e aumenta quanto maior é a área do quarto de casal
Empreendimento cooperativo	A satisfação com os equipamentos varia e aumenta quando o empreendimento é cooperativo
Largura da cozinha	A satisfação com os equipamentos varia e aumenta quando as cozinhas têm larguras menores
Acesso ao edifício por praceta	A satisfação com os equipamentos varia e aumenta quando o acesso ao edifício não é feito através de uma praceta

As variáveis de primeira linha são, antes, as que, de uma forma ou de outra, remetem para sistemas relacionais prementes e de vigência quotidiana. Isto porque ou remetem para as dimensões colectivas mais próximas e de uso semipúblico partilhado com terceiros (F4), ou porque são as que mais directamente dão conta de uma formação avaliativa de dimensões susceptíveis de accionarem uma opinião ou imagem externa sobre o indivíduo (F3). É apenas numa segunda linha de desenvolvimento que as formações avaliativas de percepções desenvolvidas em torno de dimensões relacionadas com as características físicas do fogo (F2) e com os equipamentos existentes na área de residência (F5) surgem, num contributo forte, mas indirecto, à formação do bem-estar percebido.

Esta hierarquia de contributos das diferentes variáveis de satisfação para a formação do bem-estar percebido introduz a sua dependência e a sua inscrição num sistema relacional de representações sociais e de conquistas de posições favoráveis na cena de acção social. Nesta cena de acção social o habitat de referência é susceptível de suportar ou obstaculizar essas posições:

- Nas suas dimensões mais físicas;
- Pelo que revela dos percursos residenciais e sociais dos seus ocupantes;
- Nas oportunidades que é susceptível de proporcionar ao exercício de um controle individual e social desses processos relacionais;
- Pela viabilidade que proporciona a um uso e à manifestação e usufruto do seu valor simbólico.

É neste sentido que *as suas formações avaliativas emergem como construções sociais e colectivas de um sistema relacional em que o que se discute e debate são posições relativas, dos sujeitos e das coisas, na determinação do seu valor*. E esta será a **segunda ideia** a merecer desenvolvimento neste comentário, ao se atentar para o conjunto das restantes variáveis em presença neste modelo.

A variedade de itens constituintes e a surpresa na sua localização no modelo, remeteram para uma inicial dificuldade interpretativa. No entanto a sua presença e posicionamentos relativos no modelo justifica-se, no entanto, não apenas pelo seu valor intrínseco, mas sobretudo pelo sentido de valor que adquirem nesta coabitação de factores explicativos de uma formação avaliativa.

Para além do contributo e sentido explicativos directos que cada uma das variáveis pode assumir face às variáveis dependentes a que se encontram directamente indexadas (e que se encontra descrito na legenda ao modelo), importa sobretudo notar a presença de variáveis que, para além do *registo de percepções* anteriormente analisado, remetem para:

- *registos processuais / vivências quotidianas / modos de vida*: antecedente habitacional em barraca (1º nível); índice de utilização da área de residência (1º nível); grau de utilização da casa durante o dia (3º nível);
- *registos relacionais de exercício de controle / acessibilidades*: problemas de privacidade a partir de edifícios vizinhos (1º nível); acesso ao fogo através de escada e patamar (1º nível); tipo de acesso à sala (2ª nível); privacidade a partir da rua (2º nível); acesso ao fogo através de escada e galeria (3º nível); possibilidade de ter escolhido piso (3º nível); acesso ao edifício por praticidade (3º nível);
- *registos situacionais ou de condição estatutária*: ter garagem (2º nível); ter arrecadação (2º nível); idade do respondente (2º nível); área da sala (3º nível); área do quarto de casal (3º nível); residência em empreendimento cooperativo (3º nível); largura da cozinha (3º nível).

À excepção de uma predominância dos *registos processuais* no 1º nível de desenvolvimento do modelo, em detrimento dos *registos situacionais* que apenas marcam uma influência indirecta a partir do 2º nível, são os *registos relacionais* aqueles que marcam uma presença constante ao longo das diferentes fases de desenvolvimento do modelo. Estes accionam dimensões de diversos níveis de escala espacial no reforço à importância atribuída ao controle sobre as acessibilidades e garantia de privacidade face a terceiros nas diversas formações avaliativas.

Neste sentido, poder-se-ia dizer que *a formação da satisfação se inscreve em processos vivenciais que encontram em circunstâncias situacionais motivações ou condições favoráveis para os seus protagonistas desenvolverem estratégias de relacionamento e posicionamento social relativo*. As formações avaliativas dos contextos residenciais vão, assim, depender destas estratégias e deste posicionamento, e do valor que ambos adquirem no jogo colectivo de acção social.

Um **terceiro aspecto** a que a análise deste modelo convida a evidenciar diz respeito à localização das diferentes variáveis que remetem para dimensões espaciais explícitas. Anteriormente

já se tinha avançado que não eram os critérios de escala e respectivas qualidades espaciais a eles associadas que eram accionados na forma como os residentes percepcionavam e organizam as suas formações avaliativas do espaço. Antes seriam critérios de uso e valor de uso que estariam subjacentes à organização das percepções que sustentavam a estruturação da manifestação da sua satisfação residencial.

O que a análise deste modelo permite avançar a este respeito é que, para além do espaço ser susceptível de provocar uma leitura em função do seu uso e valor de uso, apresenta-se como um todo de continuidades, em que o que se passa ou regista nas suas diversas dimensões de escala é susceptível de estender a sua influência sobre as percepções que se retêm sobre as dimensões opostas. No caso concreto, por exemplo, a forma como se acede ao fogo é susceptível de explicar variações na formação avaliativa das características físicas do fogo; da mesma maneira que características passíveis de serem identificadas entre as dimensões constituintes dos espaços privados domésticos são susceptíveis de influenciar e explicar a percepção e correspondente manifestação de satisfação em torno de espaços de uso semipúblico (áreas complementares de usos colectivo) ou público (equipamentos).

A construção dos quadros de referência de base à estruturação da satisfação residencial remetem a sua revelação como uma construção num contínuo espacial de relações que acrescentam um valor superlativo, simbólico e representativo, ao valor e às qualidades intrínsecas dos elementos que constituem os sistemas espaciais residenciais.

"Minha cidade, meu lar"

A satisfação residencial revela-se então como uma possível tradução para os sistemas espaciais do que é o produto do que os indivíduos conseguem ser na relação com os outros, ou seja, dos sistemas de acção social em que se enquadram e em que procuram o seu reconhecimento e posicionamento social relativo.

Os factores estruturantes identificados na organização da satisfação residencial, bem como o modelo construído para a sua explicação evidenciam, assim, a natureza colectiva e a importância dos quadros de referência e de valores societários que enquadram, definem e motivam os diferentes movimentos de posicionamento dos indivíduos nos sistemas de acção social, nomeadamente através da forma como condicionam e constroem a relação avaliativa dos seus cenários residenciais.

Neste sentido, a abordagem da qualidade habitacional não pode ser entendida como uma questão cujas garantias possam vir a ser encontradas apenas do lado da "oferta" (ou seja, de um olhar centrado no objecto) – mas encontra a sua satisfação no quadro de relações significantes e simbólicas que constituem os cenários onde espaços e indivíduos processualmente constroem e definem o seu habitat.

O habitat, neste sentido, não pode ser sequer redutível à representação da sua função residencial. Antes, enquanto campo de acção colectiva, deve ser entendido como os sistemas de acção onde os indivíduos se confrontam com os colectivos de que fazem parte, ou que balizam os seus registos de pertença por partilha ou oposição de afinidades.

É neste contexto que o habitat se apresenta e constitui, também, como protagonista dos cenários de exercício e desenvolvimento de uma cidadania, em que a função habitacional e residencial, para além de exigir uma leitura processual da sua expressão, deverá ser entendida como uma, entre outras participações em jogo na sua constituição.